



Volume 12 – Número 29

DOSSIÊ: INTERPRETAÇÃO PLURALISTA DAS RELIGIÕESdoi: [10.25247/paralellus.2021.v12n29.p105-123](https://doi.org/10.25247/paralellus.2021.v12n29.p105-123)

A TRANSNACIONALIZAÇÃO RELIGIOSA BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

BRAZILIAN RELIGIOUS TRANSNATIONALIZATION IN THE UNITED STATES

*Kelly Thaysy Lopes Nascimento**

*Fernanda Lemos***

*Dario Paulo Barrera Rivera****

RESUMO

O fluxo migratório tem possibilitado a ocorrência de transnacionalismos, visto que direciona no novo país trânsitos transculturais em empreendimentos, projetos escolares, eventos culturais, além das migrações religiosas, as quais possibilitam o surgimento de Organizações que refletem a transnacionalização religiosa. Neste sentido, este ensaio propõe destacar a conceituação de transnacionalização religiosa, considerando como referencial a caracterização da transnacionalização religiosa brasileira nos Estados Unidos. Para esse planejamento conceitual, tendo como base o referencial de transnacionalização brasileira no país norte-americano, consideramos como importante desenvolver uma revisão bibliográfica temática e a utilização dos resultados de uma pesquisa de campo realizada na Flórida Central sobre Religião e Migração brasileira. Destaque-se, pois, de modo exploratório, a *Intuitive Methodology*, nomeação metodológica oriunda das interações e adaptações de métodos para alcance de coleta de dados, com abordagem qualiquantitativa, tendo em vista a realização de entrevistas semiestruturadas, a observação participante e o *survey* disponibilizado na plataforma *SurveyMonkey*, além de explorar a revisão bibliográfica.

* Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

** Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

*** Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.



Palavras-chave: Transnacionalização religiosa; Fluxo migratório brasileiro; Organização religiosa nos Estados Unidos.

ABSTRACT

The migratory flow has made possible the occurrence of transnationalisms, since it provides cross-cultural transits in undertakings, school projects, cultural events, as well as religious migrations, which enable the emergence of Organizations that reflect religious transnationalization. In this sense, this study aims at highlighting the concept of religious transnationalization, considering as a reference the characterization of Brazilian religious transnationalization in the United States. For this conceptual planning, based on the Brazilian transnationalization framework in the North American country, we consider the importance of developing a thematic bibliographic review and the use of the results of a field research carried out in Central Florida on Brazilian Religion and Migration. Therefore, the *Intuitive Methodology* stands out as an exploratory way, a methodological procedure derived from the interactions and adaptations of methods to achieve data collection, with a qualitative and quantitative approach, with a view to conducting semi-structured interviews, participant observation and survey available on SurveyMonkey platform, in addition to exploration of bibliographic review.

Keywords: Religious transnationalization; Brazilian migratory flow; Religious organization in the United States.

1 INTRODUÇÃO

A transitoriedade migratória refere-se à experiência, a qual culmina em sentido e reflete teias de significados em redes e fluxos transnacionais. À medida que inteiramos as pesquisas em curso de constatação sociodemográfica dos fluxos migratórios, mais localizamos atividades e produtos transnacionais e entendemos que a constituição migratória da atualidade, tendo em vista o nosso campo de destaque, a migração brasileira nos Estados Unidos, objetiva nas constituições transnacionais chegar aos propósitos do país destino, uma vez que a produção absorve uma construção notável entre excepcionalidades no trabalho, na “cultura de trabalho”, na ação e produtos e na constituição do “ser transnacional no ser excepcional”; identidade com possível alcance se, por ventura, for escolha compatível à “Terra escolhida”.

Entre “ser ou não ser” escolhido, há os que “se escolhem” em travessias com predestinação de morte, com jornadas por superação em encontro de vida: econômica, social, de ser “excepcional”. Entre percursos por escolha do país excepcional ou do sujeito “não-escolhido” que prova sua possível excepcionalidade,

há as transições e suas produções que reiteradamente são atividades que refletem a transnacionalização.

Em meio a ressignificações e à reestruturação, o sujeito da migração emigra consigo as tradições e significados com sentidos de pertencimento, muitos deles com reverência religiosa e com ampliação transnacional entre as redes dos fluxos excepcionais e de expansão, sobretudo organizacional.

Considerando tais destaques, empreenderemos a estruturação da jornada da transnacionalização religiosa brasileira nos Estados Unidos. O nosso interesse de verificação tem o intuito de contribuir com as pesquisas conceituais sobre a transnacionalização e de apresentar a realidade do nosso campo de pesquisa, que é a Flórida Central.

Neste ensejo, indicamos que para tal averiguação, nortearemos a revisão de dados de uma coleta realizada entre os anos de 2018 a 2020, por meio de entrevistas e *survey*, os quais resultaram no mapeamento sociodemográfico da migração brasileira e no papel socioreligioso de igrejas brasileiras na Flórida Central.¹ Além disso, também realizaremos um levantamento bibliográfico.

Nomeamos as técnicas e métodos da pesquisa como “*Intuitive Methodology*”, método exploratório com adequação, ampliação e interação com o objetivo em alcance comparativo e afirmativo de dados entre “intuição e criatividade”, uma experiência com validação de ressignificação contínua de técnicas e métodos com adaptação ao alcance da finalidade da pesquisa.

Objetivamos, portanto, destacar como ocorre a transnacionalização religiosa brasileira nos Estados Unidos, tendo em vista aspectos identitários do sujeito e as suas ações ou atividades como “produto” da transnacionalização. Neste sentido, propomos abordar perspectivas conceituais referentes à transnacionalização, considerando

¹ Os dados da nossa pesquisa realizada na Flórida Central foram publicados na obra “Religião e migração brasileira nos Estados Unidos” (2021). Considerando a importância dos resultados, destacamos que mediamos neste artigo a interação de dados estruturais de *survey* e entrevistas para caracterizar o perfil transnacional brasileiro nos Estados Unidos. É importante ressaltar que a pesquisa realizada na Flórida Central contou com o apoio produtividade CAPES.

aspectos estruturais das gerações migratórias, significados identitários e os produtos dos fluxos e redes transnacionais.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRANSNACIONALIZAÇÃO RELIGIOSA NOS ESTADOS UNIDOS

As gerações migratórias brasileiras nos Estados Unidos refletem crises estruturais no Brasil. São fluxos em êxodo do desemprego, mais reconhecido na primeira geração migratória, conforme destacou Ana Martes (1999), com o aspecto também econômico e político, como pontuou Maxine Margolis (1994) e atualmente, conforme resultados de um *survey* que realizamos na Flórida Central entre os anos de 2019 e 2020, ressalta-se principalmente o êxodo da insegurança.

A geração atual do fluxo migratório emigra em busca de segurança e qualidade de vida e as razões principais indicadas em relatos por meio de entrevistas e dados do *survey*, ambos realizados na Flórida Central, pressupõem a ação migratória em reflexo às crises estruturais oriundas do declínio da política no Brasil, que é reiteradamente destaque nas mídias internacionais com os “escândalos de corrupção” e consequentes “administrações” danosas, ou as gestões com administrações insuficientes para abarcar a realidade socioeconômica diversificada da sociedade brasileira.

É importante observar que referente à caracterização migratória há uma origem de fluxo mediante às crises estruturais das administrações insuficientes das gestões políticas brasileiras. De modo geral, o sujeito segue a jornada migratória em busca do que “falta” no seu país de origem e fazer essa reflexão nos ajuda a compreender o porquê da construção do novo “Brasil” encontrado no mercado norte-americano em escolas, restaurantes, igrejas e outros. São brasileiros que emigram seus costumes, a culinária, língua, educação, as religiosidades. Emigram identidade cultural (de origem), nomeando-a “(multi)identidade” decorrente dos transnacionalismos de sentido e pertencimento(s).

Corroborando com Mitchell (2003) com a perspectiva de que o transnacionalismo conecta transmigrantes com suas origens, o qual é influenciado por Linda Bash, Nina Schiller e Cristina Blanc (1994) na caracterização do ser “transmigrante” por ato de

desterritorialização com novas acomodações sociais, indicando o que chamamos de “Estado transnacional”, percebemos que a transnacionalização remete a questões estruturais de identidade, sociedade, economia, (política), as quais são integradas à ação migratória.

O “Estado transnacional” é a acomodação simbólica dos sujeitos e suas ações transnacionais, adequando esse espaço à ideia de que o imigrante ou transmigrante tem influenciado a expansão transnacional, por exemplo, das Organizações, entre elas, as religiosas. O Estado transnacional nada mais é que um Estado simbólico da expansão social, cultural, política, econômica e identitária composto por ação em fluxos e redes do sujeito transmigrante.

Embora essas questões sejam de nosso interesse, o enfoque neste momento é a transnacionalização religiosa, considerando que o nosso campo da Migração e Religião influencia a percepção e caracterização da transnacionalização, o que nos permite também integrar a introdutória proposição de transnacionalização religiosa das igrejas “brasileiras” nos Estados Unidos como projeto de facilitação de adaptação migratória e consequente expansão das Organizações religiosas transnacionais.

É preciso levar em consideração que mediamos a compreensão conceitual da transnacionalização indicando-a como produto dos trânsitos culturais nos trânsitos migratórios e, nessa relação, os fluxos de redes possíveis na experiência dos deslocamentos e processos de reacomodação identitária no contexto social, cultural, político e outros. Destacamos cultura na perspectiva de Clifford Geertz (1989) quando este indica nas ações humanas as teias de significados que dão sentido de pertencimento e razão à experiência da busca do significado.

Propomos o “trânsito cultural” como transitoriedade dos significados identitários dos produtos das redes de pertencimentos nos contextos das experiências de/na nacionalidade, regionalidade, familiares e pessoal. São teias de significados próprios do contexto sociocultural no qual o sujeito está inserido e sua interação identitária com novos aspectos do novo país, estado, da nova família, dos amigos e da nova percepção de si. São significados próprios de localização e cultura, e a transnacionalização é a formação de redes nesses “trânsitos culturais” que formam os “Estados transnacionais”.

A regulação e acomodação de uma identidade transnacional favorece pensarmos que o sujeito da migração, ao passo que identifica na ação migratória a sua ressignificação de vida, reafirma suas origens na busca identitária do seu país de origem no novo país para o qual migrou, salientando que essa busca pelo elo de origem situa a identidade cultural², conforme destaca Stuart Hall (2003). É importante ressaltar o que Junior e Campos (2014 p. 32) intitulam como transnacionalização, tendo em vista “a junção das noções de desterritorialização, indigenização e formação de redes”, destacando neste último o significado de “*connected communities*”, como também localizar a (multi)identidade³ na experiência diaspórica, a qual indica a transnacionalidade identitária do sujeito e a ação da transnacionalização que ocorre nos fluxos e redes dos trânsitos migratórios.

Contextualizamos, portanto, a transnacionalização considerando primeiro: o sujeito da migração e os “trânsitos identitários”, tendo em vista a identidade cultural e a “(multi)identidade” na experiência migratória; e segundo: a ação transnacional que pode ocorrer através das atividades e influências organizacionais. Poderíamos pensar na transnacionalização que inicia no sujeito e na que ocorre a partir do sujeito.

Para formar identidades que incluam normas da sociedade de origem e também se adaptar ao ambiente de chegada, o imigrante pode se engajar em diversas estratégias de vinculação. Estes vínculos tomam formas variadas e exibem forças diferentes, dependendo da natureza e trajetórias específicas do fluxo migratório. Tipos de conexão transnacional incluem: viagens periódicas entre a sociedade de origem e as nações receptoras, comunicação por telefone, carta, fita de áudio e vídeo, remessas de dinheiro e bens para as famílias, associação ativa em organizações ou o empreendimento de negócios que abarcam fronteiras internacionais e/ou recepção de mensagens

² Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (HALL, 2003, p 28).

³ É importante entender que esse pertencimento cultural e a indicação de uma (multi)identidade tem seu retorno redentor também pelo elo central da memória de origem, toda ressignificação identitária não desapropria a identidade, pelo contrário, ocorre que pelo multiculturalismo da experiência migratória há um novo pertencimento dominante que, em nosso caso, indica, por exemplo, aspectos de integração e conquista da identidade Estadunidense. O excepcionalismo norte-americano e a busca do imigrante brasileiro (por ser) encontra-se na vontade de uma nova identidade que indicamos no poder simbólico da apropriação das premiações de brasileiros na Flórida Central. Dessa forma, podemos dizer que se trata do encontro com um pertencimento excepcional, como propõe o país destino dessa diáspora (NASCIMENTO, 2021, p. 38).

persuasivas de organizações (incluindo governos) que desejam estimular relações transnacionais (MITCHELL, 2003, p. 33).

Tendo em vista as atividades transnacionais, nos Estados Unidos os brasileiros constroem um Brasil em cafeterias, supermercados, escolas, lojas e inúmeras formas de mercado, festas e serviços que caracterizam o país de origem. Além disso, muitos vivenciam o que Margolis (1994) indica como imigrante io-iô, que são brasileiros em trânsitos (re)migratórios em constante redefinição e projeção de vida.

Essas atividades e empreendimentos transnacionais relocalizam a cultura de origem em integração ao contexto sociocultural do novo país. São Organizações com objetivos de alcance intercultural, o que contribui com a popularização e adaptação da cultura brasileira no novo país, formando redes de integração cultural e expansão do mercado brasileiro, como também da consolidação migratória do sujeito.

Tendo em vista as atividades transnacionais rotineiras do sujeito no aspecto primeiro, o qual consideramos a acomodação identitária a uma (multi)identidade na conformação cultural, indicamos as características rituais cotidianas que formatam as transnacionalizações do sujeito e das famílias no país para o qual migrou.

A experiência transnacional no dia a dia do imigrante pode ser conferida nos seus rituais pessoais e familiares. Tânia Tonhati (2019), quando desenvolveu sua pesquisa sobre as famílias transnacionais brasileiras em Londres, identificou a partir de pesquisa de campo com brasileiros a importância dos rituais familiares nas rotinas, no novo país, e os caracterizou em três seguimentos (p. 230 e 231): primeiro, nos principais eventos, que, segundo ela, são “casamentos, nascimentos e funerais”, esses são os menos frequentes; segundo, são os rituais familiares, como aniversários e a celebração do Natal; terceiro, o que ela nomeia como “pequenos encontros familiares”, que podem ocorrer diariamente, semanalmente e se situam com maior significado para os membros da família, e citou como exemplo as recontagens de histórias familiares.

Tonhati (2019) indicou que a ritualização das práticas familiares que os imigrantes tinham no Brasil são de importância significativa no que tange à afirmação e ressignificação dos seus vínculos com os familiares que residem no Brasil. É importante ressaltar que esse comportamento revela o sentido de pertencimento, pois

mesmo quanto o imigrante indica se desapropriar da sua identidade pátria de origem, reapropria com os seus ritos de pertencimento ao que destacou despertencer.

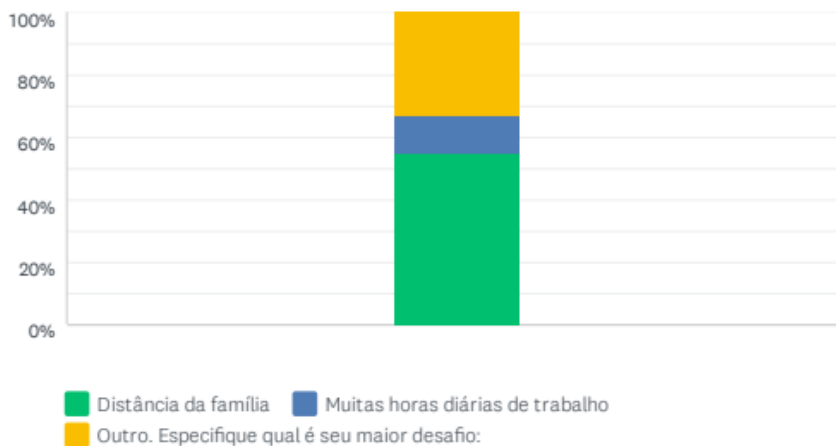
Essa relação de sentido e significado nos rituais revela o destaque identitário de origem no novo país da migração, destaque-se como Hall (2003) define a identidade cultural. Por conseguinte, a caracterização da integração e reintegração contínua de pertencimento identitário na experiência “trânsita” da migração, destacando o que situamos como (multi)identidade e a importância da experiência, da ação, do sentido e da vida para o sujeito da migração.

Esse trânsito de relações constitui o sujeito e possui participação integrante na sua autoconstrução. A vida-para-ser nada mais é que uma sistematização existencial e simbólica do comportamento do sujeito no ato migratório. Há, nessa conjuntura, um todo social e individual que integra um trânsito relacional do sujeito político entre razão e subjetividade, portanto, são elementos indissociáveis e essa reciprocidade produz ação de sentido (NASCIMENTO, 2021, p. 79).

Neste ínterim, seguimos para a experiência da migração e os sentidos de pertencimento, situando a pesquisa de Tonhati (2019), a qual nos remete à nossa pesquisa realizada na Flórida Central (2018-2020), que indica a partir dos dados das coletas por entrevistas e *survey*, realizado na plataforma *SurveyMonkey*, qual é a maior dificuldade do imigrante nesta região, a qual pode ser conferida no gráfico a seguir.

P9 Indique qual é o seu maior desafio:

Responderam: 259 Ignoraram: 1



OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS
▼ Distância da família	55,21% 143
▼ Muitas horas diárias de trabalho	11,58% 30
▼ Outro. Especifique qual é seu maior desafio morando em Orlando:	Respostas 33,20% 86

O gráfico demonstra que o sujeito da migração é caracteristicamente situado no pertencimento familiar. O sentido de pertencimento identitário familiar emigra com o sujeito e suas buscas no novo país, as quais sempre serão remetidas a uma origem cultural, social e familiar, pois são vínculos que estruturam rituais acomodados no novo país, da nova cultura, nova sociedade e possível nova família. É importante destacar que caracterizamos neste momento o percentual principal dos participantes da pesquisa sobre o maior desafio no novo país, que corrobora o destaque da pesquisa de Tonhati (2019) sobre as práticas rituais das famílias brasileiras em Londres como práticas transnacionais de sentido e pertencimento originário no novo país.

Entendemos que a persistente busca da cultura brasileira no trânsito migratório influencia a transnacionalização que, conforme verificamos, ocorre de imediato no comportamento de pertencimento “verbalizado” nas práticas rituais familiares. O vínculo familiar é, portanto, um constitutivo na origem transnacional, uma vez que o imigrante perpetua suas práticas rituais familiares na sua nova constituição pessoal

ou familiar do novo país. Práticas como contação de histórias, refeições temáticas, celebrações festivas e outros “rituais” antes vivenciados no Brasil caracterizam o trânsito das transnacionalidades brasileiras nos Estados Unidos.

É também no contexto familiar que encontramos os rituais brasileiros religiosos que revelam a transnacionalização religiosa. Recordamos na Flórida Central relatos de brasileiros que afirmam seus credos religiosos com origem brasileira, evidenciam a importância da identidade cultural brasileira em suas religiosidades, mesmo quando rituais semelhantes são oferecidos no novo país, mas contextualizados à cultura local. A seguir, o destaque sobre o relato do casal Inez Farias e Humberto Farias sobre o ritual do terço mariano que constitui o primeiro grupo católico de brasileiros na Flórida Central.

Inez Farias e Humberto Farias explicam durante entrevista (2018) que desenvolviam o terço mariano em suas casas por volta de 1998 e os residentes, ao tomarem conhecimento, buscavam participar também. “Eles ligavam e nós estávamos rezando o terço e pedíamos para ligarem depois, assim, começaram a pedir pra participar também: eu posso rezar o terço também com vocês?” Esse grupo foi se expandindo e, devido à necessidade de um envolvimento com espiritualidade aprofundada, surgiu o primeiro grupo de oração (Relato de Inez Farias em NASCIMENTO, 2021).

Os entrevistados explicaram que realizavam a reza do terço, mas havia a necessidade de envolver rituais de grupos de orações e louvores. É importante ressaltar que esse foi o primeiro grupo formado por brasileiros na Flórida Central destacando os rituais brasileiros, tendo em vista as práticas ritualísticas da Igreja Católica Apostólica Romana no contexto cultural brasileiro.

Os católicos brasileiros ressaltaram que mesmo havendo os mesmos rituais, sentiam a diferença da língua e o modo cultural brasileiro neles e, portanto, expressam a importância da formação desse grupo brasileiro que aconteceu por volta do ano de 1998, com o terço mariano, na residência de Inez Farias e Humberto Farias e, posteriormente, o grupo de oração com base no movimento da Renovação Carismática Católica – RCC.

Foi quando o Humberto falou, né, por que a gente não faz um grupo de oração semanal? Assim talvez essas pessoas não deixarão a igreja católica. Eu confesso que fui um pouco resistente no início, pois eu, com quatro filhos, a vida difícil de imigrante e ele me deixou temerosa em assumir algo mais, né. Mas ele me convenceu dizendo que: ó, a gente já é responsável por essas pessoas que estão vindo rezar o terço aqui, uma vez na semana mais, não dificulta mais a nossa vida,

então, realmente eu concordei, né, e junto à Claudia, nós convidamos todos para fazerem o seminário de vida no Espírito Santo. Fizemos o primeiro seminário de vida no Espírito Santo na nossa casa (Relato de Inez Farias em NASCIMENTO, 2021)

Destacamos o ritual do terço mariano como prática recorrente entre os católicos brasileiros por pressupormos que este é o ritual pessoal e familiar mais vivenciado entre os imigrantes católicos brasileiros na Flórida central, tendo em vista os relatos dos entrevistados.

Ressaltamos, portanto, com base na pesquisa de Tânia Tonhati (2019) sobre as famílias transnacionais brasileiras e os dados da nossa pesquisa realizada na Flórida Central, que os rituais pessoais e familiares percorrem uma transnacionalidade de sentido, com significados importantes na reestruturação no novo país, salientando que a transnacionalização religiosa do sujeito ocorre, por exemplo, nas práticas rituais rotineiras, como o terço mariano, considerando o imigrante católico, ou as meditações, orações pessoais e outros ritos estabelecidos, conforme estruturação no contexto brasileiro ou do país de origem, e continuados no novo país com importância de sentido e de vida⁴.

Essa é por ora a primeira caracterização de transnacionalização religiosa do sujeito da migração, considerando o nosso destaque da contextualização da transnacionalização como ocorrente primeiro no sujeito e segundo a partir dele nas suas ações, atividades. A partir disso, propusemos ilustrar essa percepção sobre a transnacionalização religiosa, com as seguintes características:

- 1: A transnacionalização religiosa do sujeito com os seus ritos pessoais em trânsito migratório;
- 2: A transnacionalização religiosa a partir do sujeito com as suas atividades também em trânsito migratório, a considerar, por exemplo, o estabelecimento das igrejas

⁴ Esse sujeito dos símbolos, dos mitos, do desejo de ser, busca a migração como experiência de vida para o ser em si e para o ser em sociedade. Nesse conjunto de relações do sujeito, há a trajetória de encontro com o Eu Mesmo e ela indica, pois, a direção da experiência com o autoencontro, portanto, é a aventura do herói que emigra no sentir-se, um sentir-se enquanto ser das relações conscientes e inconscientes no sujeito da experiência, no movimento de vida (NASCIMENTO, 2020, p. 88).

brasileiras ou com departamento brasileiro/departamento português no país norte-americano.

3 PERSPECTIVAS TIPOLÓGICAS DA TRANSNACIONALIZAÇÃO RELIGIOSA NOS ESTADOS UNIDOS

É importante ressaltar o nosso esforço por caracterizar a transnacionalização religiosa de acordo com o contexto migratório brasileiro nos Estados Unidos, mais especificamente na Flórida Central. Percebemos que tal estruturação é a que mais identifica o nosso campo e, por isso, propusemos, portanto, essas perspectivas conceituais à transnacionalização religiosa.

É importante considerar a tipologia de transnacionalização religiosa concluída por Ari Pedro Oro (2019), quando indica quatro modelos estruturais de transnacionalização religiosa tendo em vista a transnacionalização de igrejas evangélicas brasileiras na “missão invertida” para a Europa. A “missão invertida” diz respeito aos fluxos religiosos brasileiros à Europa, realidade que indica uma “inversão” missionária, a qual anteriormente ocorria com trânsito missionário europeu para o Brasil, abrindo espaço, por exemplo, às discussões sobre a glocalização⁵ e a transnacionalização religiosa brasileira. Com interesse na tipologia de Ari Pedro Oro, seguimos com uma justaposição explicativa sobre os modelos na citação seguinte.

O primeiro modelo advém do modo de atuação de igrejas neopentecostais, capitaneadas pela Igreja Universal. Trata-se de igrejas que empreendem a transnacionalização por iniciativa própria, após um estudo prévio do mercado religioso no exterior e, uma vez ali estabelecidas, adotam o princípio do exclusivismo religioso, da ação isolada e autônoma na disputa por fiéis, seguindo a lógica da oferta de serviços religiosos. Este modelo aproximar-se-ia da “transnacionalização pelo alto”, ou seja, da globalização, conforme foi esclarecido no início do texto. O segundo modelo é representado pelas igrejas Brasa e Maanaim. Caracteriza-se por igrejas que se transnacionalizam a partir de convites recebidos de agentes religiosos europeus, mas que, após alguns meses ou anos, desfazem a parceria, gerando uma situação inicialmente não prevista pelas igrejas

⁵ “Ela pode dar origem a discursos de minoria através de um espectro de atitudes, indo do desinteresse e da desconfiança à aceitação e à invocação de forças globais para reforçar posições locais. Acrescento que uma dimensão relacionada a essa conexão com grupos minoritários é o surgimento de vários loci de agência coletiva, frequentemente mobilizada em torno de reivindicações identitárias de reconhecimento ou reparação. A proliferação dos discursos de minoria é uma das formas gerais da política da emergência, reconhecimento e distribuição em nosso tempo” (BURITY, 2018, p. 20)

missionárias, qual seja a de se instalarem institucionalmente nos países em que foram convidadas. As igrejas deste modelo mantêm convivência ecumênica, diferentemente do isolacionismo observado no modelo anterior. O terceiro modelo resulta da análise da Missão Cristã Internacional (MCI). Novamente, o impulso inicial da transnacionalização provém de um convite para atuar no exterior. Porém, após um momento de colaboração, os pastores rompem duplamente, com a igreja missionária brasileira e com a igreja receptora estrangeira, criando, eles próprios, uma nova denominação, conectada com outras igrejas locais. Enfim, o quarto modelo advém da parceria de quase 20 anos firmada entre a igreja brasileira Sal da Terra e a igreja portuguesa Reviver. Neste caso, trata-se de uma parceria duradoura, fruto, em grande medida, da convergência de interesses, ou seja, no caso analisado, a evangelização dos jovens e a participação em redes evangélicas transnacionais (ORO, 2019, p.22 e 23)

A tipologia da transnacionalização religiosa, segundo Oro (2019), propõe, portanto, quatro modelos, são eles: 1: “transnacionalização pelo alto”, 2: transnacionalização por convite do país destino sem vínculo permanente, 3: transnacionalização por convite com rompimento do país destino e país origem, e 4: transnacionalização por parceria entre igrejas evangélicas transnacionais.

Tendo verificado a tipologia da transnacionalização religiosa no contexto europeu, indicamos uma reformulação característica dos modelos que incluiria a realidade tipológica nos Estados Unidos. É importante ressaltar que propusemos tal verificação com base principal nos resultados da nossa pesquisa de campo realizada na Flórida Central. Sugerimos a tipologia da transnacionalização religiosa nos Estados Unidos considerando quatro modelos principais que podem ser conferidos a seguir.

A Tipologia da Transnacionalização religiosa nos Estados Unidos

1: Transnacionalização de extensão: são “igrejas brasileiras” que estendem a missão para os Estados Unidos e outros países com o interesse de atender ao público brasileiro, ou a igrejas que não necessariamente são de origem brasileira, mas que são situadas no Brasil e com missão específica para brasileiros, salientando que dessa base “brasileira” se estendem para outros países. Citamos de acordo com esse primeiro modelo o “Ministério Semeadores de Boas Novas”, que é uma igreja conhecida entre os brasileiros como “célula” da Assembleia de Deus, a qual tem por objetivo sua expansão para outros países e o alcance de brasileiros. O “Ministério

Semeadores de Boas Novas” - Orlando foi plantado pelo Pastor Oseias Moreira e sua esposa Gabriela Moreira no ano de 2015.

2: Transnacionalização por convite norte-americano: são igrejas ou pastores brasileiros convidados para desenvolver o ministério brasileiro/português/língua portuguesa na igreja norte-americana. A partir dessa transnacionalização de origem, identificamos situações que possivelmente ocorrem, são elas: 2.1: o pastor convidado é responsável por administrar missões em novas igrejas norte-americanas, como uma espécie de “migração missionária”, o que nomeamos como “convite de continuidade” 2.2: O pastor se desvincula da igreja e planta a sua igreja; 2.3: a igreja norte-americana por motivos próprios, conclui a contratação do pastor que decide se retorna para o Brasil ou se desenvolve a sua própria missão no novo país.

É importante considerar que nessas situações é possível situar, ao invés do pastor, a igreja, como sendo convidada. Nos Estados Unidos, o mais frequente é o convite para o pastor, um exemplo desse tipo de transnacionalização religiosa ocorreu na *First Baptist Orlando*, uma igreja norte-americana que possui departamento português-brasileiro e que obteve Pastor Nivaldo Nassiff como convidado responsável pela missão brasileira, salientando que no ano de 2018 ele se desvinculou dela, por motivos pessoais e de saúde, e no ano de 2019 fundou a sua própria igreja que se chama DNA *Brazilian Church*.

3: Transnacionalização por integração étnica: São igrejas norte-americanas com formatação de integração étnica com pastores, padres ou líderes religiosos da mesma igreja com fluência na Língua Portuguesa. Esse é o modelo que mais identifica, por exemplo, a realidade da Igreja Católica Apostólica Romana que destinou na Flórida Central a *Resurrection Catholic Church*, como igreja com missão étnica, a qual é considerada como a “igreja católica brasileira” na Flórida Central.

4: Transnacionalização com autonomia: são brasileiros que decidem fundar suas próprias igrejas sem vínculos com igrejas no Brasil ou nos Estados Unidos. Nesse modelo, podemos citar a “Bom Pastor *Church*”, primeira igreja pentecostal brasileira de Orlando que foi fundada pela pastora Rita Fernandes, a qual é atualmente a diretora da AME – Associação de Ministros Evangélicos.

A Transnacionalização religiosa das Igrejas brasileiras na Flórida Central ritualiza anualmente eventos premiados no país. No ano de 2019, a *Resurrection Catholic Church*, por exemplo, foi premiada pela *Focus Brazil* por promover a maior festa cultural brasileira da Flórida, a festa de “São João”, que reúne milhares de pessoas de diversas etnias. Outro evento que desperta curiosidade nessa igreja se chama “Festa multicultural”, um evento que reúne várias religiões, tradições étnicas, em celebração das culturas, e também agrupa milhares de pessoas.

É importante destacar que as “igrejas brasileiras” sociabilizam tradições locais, como a celebração do “*Thanksgiving Day*”, e as celebrações populares no Brasil, como, por exemplo, as festas juninas. Celebram datas importantes dos dois países, com festas características dos dois locais e com criatividade estipulam à transnacionalização novos modelos estruturais e diversificados como variados são os povos ao considerar a multiculturalidade e/ou pertencimentos identitários.

Por fim, entendemos nessa realidade, dicotômica e plural, que a Transnacionalização brasileira é o fluxo contínuo de trânsitos de pertencimentos, com teias culturais de significados e ressignificados nas diversas redes de possibilidades, ressaltando que a Transnacionalização religiosa se integra a esses fluxos, mas com determinações pessoais, familiares, religiosas e organizacionais, tendo em vista também a configuração empresarial das igrejas.

Referente à atividade transnacional da igreja, é importante considerar, primeiro, o interesse por identificação, neste caso, a importância de interação identitária auxiliando no encontro dos brasileiros com o “Brasil” encontrado na igreja; segundo, o mapeamento das questões necessárias à comunidade, o que significa a integração de trabalhos religiosos e com o objetivo de integração social, econômica, tendo em vista trabalhos de apoio com cursos de línguas, suporte alimentício, de saúde, de aconselhamento, contatos de trabalho, cursos profissionalizantes e de apoio ao empreendedorismo e outros serviços que contribuam com a acomodação do imigrante no novo país.

É importante ressaltar que as igrejas desenvolvem atividades e festividades que integram a cultura brasileira à cultura local e percebemos que há uma ressignificação de acomodação entre os dois contextos culturais, os quais sinalizam conceitualmente

a ação da transnacionalização, sobretudo a religiosa, a qual migra em trânsitos de identidades sociais, culturais, econômicas, políticas e outras acomodações estruturais identitárias, e passam a acomodar e ressignificar o que indicamos simbolicamente o “Estado transnacional “brasileiroestadunidense”.

De acordo com Oro, Steil e Rickli (2012, p.9), a constituição de redes, portanto, apresenta-se como uma constante no processo de transnacionalização religiosa que enfatiza os movimentos de desterritorialização e indigenização e o que nesse processo os trânsitos e as trajetórias dos agentes religiosos expressam, tanto na forma de redes institucionais, quanto de redes pessoais.

Ressaltamos, portanto, a transnacionalização religiosa nos Estados Unidos, tendo em vista as redes rituais do sujeito e das famílias como um primeiro elo transnacional da fé e da religiosidade do sujeito. Dessa forma, citamos, por exemplo, a experiência dos católicos brasileiros que se uniram na residência de Inez Farias e seu esposo Roberto Farias para a reza do terço mariano com posterior ampliação de um grupo religioso RCC, o qual emigrou para a “Igreja católica brasileira” no ano de 2002 quando a Igreja católica Apostólica Romana transnacionaliza a integração étnica brasileira ou o departamento em português oficial na *Resurrection Catholic Church*. Pensamos, por ora, que essa seja a estrutura de redes transnacionais religiosas que compõem o nosso campo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que as perspectivas estruturais da transnacionalização religiosa brasileira nos Estados Unidos, aqui mencionadas, ilustram um panorama introdutório e com implicação para extensão de novos artigos e trabalhos.

Por ora, identificamos uma jornada tipológica na caracterização da transnacionalização religiosa que parte de um pressuposto dialógico (no sujeito e do sujeito). Ressaltamos que há uma especificação com origem de sentido e pertencimento religioso (no sujeito) que emigra tradições religiosas e suas práticas rituais, como também (do sujeito) quando são integrados os produtos da transnacionalização religiosa, por exemplo, as implantações das igrejas “brasileiras”

nos Estados Unidos e, por conseguinte, as atividades transnacionais conferidas nesses espaços religiosos.

Consideramos, portanto, uma transnacionalização de pertencimento no sentido religioso e a transnacionalização religiosa nas atividades e ações. Em relação à segunda, quando referenciamos, por exemplo, as organizações religiosas ou igrejas, construímos a tipologia transnacional das igrejas nos Estados Unidos e a caracterizamos com quatro modelos, tais como: Transnacionalização de extensão, Transnacionalização por convite norte-americano, Transnacionalização por integração étnica, Transnacionalização com autonomia.

Conforme destacamos, essas considerações dizem respeito à transnacionalização religiosa nos Estados Unidos, com campo de pesquisa destaque na Flórida Central. Salienta-se que os quatro modelos tipológicos da transnacionalização religiosa das igrejas brasileiras nos Estados Unidos remetem à estrutura de implantação, a qual configura o posterior significado de estrutura missionária e atividades sociorreligiosas.

Outro ponto importante a destacar é a caracterização organizacional das igrejas, uma vez que elas são empresas abertas oficialmente reconhecidas no Estado norte-americano. Com o destaque dessa configuração organizacional, percebemos uma estruturação de fomento à transnacionalização como imprescindível para abarcar seus clientes/fieis que geralmente seguem a jornada migratória em busca do sentido originário de pertencimento cultural brasileiro, o qual pode ser encontrado nas igrejas nos formatos das atividades, projetos e grupos, realçando que essa adaptação do sujeito no espaço religioso, por outro lado, garante a estabilização e expansão da empresa/igreja.

Os aspectos organizacionais são pontos importantes a serem considerados nessa formatação da transnacionalização como origem e perspectiva de estabilidade das empresas/igrejas no Estado norte-americano. Assim, destaque-se a importância de mais pesquisas com tipologias levando em consideração os aspectos organizacionais, tendo em vista o mercado na transnacionalização das empresas religiosas nos Estados Unidos. Conferimos, portanto, pontos elencados para possíveis extensões de pesquisas.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Joana. Trânsito transatlânticos: os orixás em Portugal. *EntreRios – Revista do PPGANT-UFPIP-Teresina*, vol 2, n 2, 2019.

BURITY, Joanildo. Glocalização e mudança de identidade: missionários brasileiros pentecostais e carismáticos no Reino Unido. *Relig. soc.* vol.38 no.1 Rio de Janeiro jan./abr. 2018

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

Centro Ecumênico de Documentação e Informação. *A Transnacionalização da América Latina e a Missão das Igrejas. Documento da Consulta Latino Americana sobre Empresas Transnacionais*. Rio de Janeiro: CEDI, 1983.

CLARKE, Duncan. *A New World, the history of immigration into the United States*. United States by Thunder Bay Press. 2000.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JUNIOR, Cleonardo M.; CAMPOS, Roberta B. C. *Como a fé a religião estabelecem conexões transnacionais? O pentecostalismo e seus modos de expansão no mundo globalizado*. (in) RODRIGUES, Donizete; ORO, Ari Pedro Oro (org.).

Transnacionalização religiosa: religiões em movimento. Porto Alegre: CirKula, 2014.

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. São Paulo: Papyrus, 1994.

MARGOLIS, Maxine L. *Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTES, Ana Cristina Braga. *Raça e etnicidade – Opções e constrangimentos*. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARTES, Ana Cristina Braga. *Os imigrantes brasileiros e as igrejas em massachusetts*. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Org.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1991.

MARTES, Ana; FLEISCHER, Soraya (Org.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MITCHELL, Christopher. *Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. (In) MARTES, Ana; FLEISCHER, Soraya (Org.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

- NASCIMENTO, Kelly Thaysy Lopes. O fluxo migratório brasileiro em Orlando e o papel das igrejas brasileiras: uma pesquisa em andamento. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v.17, n. 53, p. 1315, 31 ago. 2019.
- NASCIMENTO, Kelly Thaysy Lopes. *Religião e migração brasileira nos Estados Unidos*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.
- NASCIMENTO, Kelly Thaysy Lopes. *Símbolos e mitos da serpente na tradição semita*. João Pessoa: Libellus editorial, 2018.
- ORO, Ari Pedro. Transnacionalização evangélica brasileira para a Europa: significados, tipologia e acomodações. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. Vol. 23, 2019.
- ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João (Org.). *Transnacionalização Religiosa: Fluxos e Redes*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Org.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1991.
- RESENDE, Erica Simone Almeida. *Americanidade, Puritanismo e Política Externa: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norteamericana*. São Paulo, 2009.
- RESENDE, Rosana. *Brasileiros no sul da Flórida – Relatos de uma pesquisa em andamento*. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISHCHER, 287 Soraya (Org.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ROCHA, Cristina; VÁSQUEZ, Manuel A (Org.). *A Diáspora das Religiões brasileiras*. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.
- RODRIGUES, Donizete; ORO, Ari Pedro Oro (org.). *Transnacionalização religiosa: religiões em movimento*. Porto Alegre: CirKula, 2014.
- SASAKI, Elisa Massac. *Teorias das migrações internacionais*. XII Encontro Nacional da ABEP 2000.
- TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana (org.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- TONHATI, Tânia. *Transnational Families: migration and brazilian family practices*. Curitiba: CRV, 2019.
- TOTA, Antonio Pedro. *Os americanos*. São Paulo: Contexto, 2013.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.